

A violência e o sagrado segundo René Girard

Por Adilson Schultz*

RESUMO:

O texto está dividido em duas partes. A primeira apresenta um resumo do sistema antropológico-fenomenológico girardiano sobre violência e sagrado. A Segunda apresenta suas reflexões sobre a especificidade da tradição judaico cristã na articulação da violência. Embora não sendo exatamente uma resenha, a base do texto é o livro *A violência e a religião*. São Paulo : Paz e Terra, 1990. No entanto, o texto faz referência indireta a outras obras de Girardi, usando como fonte um primoroso trabalho de Alfredo Teixeira: *Violência e cultura: explorações do teorema girardiano*. In: FARIAS, José Jacinto Ferreira et. al. *Religião e violência: extremismos religiosos, violência e cultura, guerra santa, opinião de teólogos*. Lisboa : Paulus, 2002. p. 37-91.

Palavras-chave:

violência e sagrado, religião, bode expiatório, René Girard

Introdução: o bode expiatório moderno

“RESGATE TUMULTUA O CENTRO DA CAPITAL

A área da praça Montevideu, no centro da capital, parou ontem por causa de um universitário, de 22 anos, que sentou-se em uma janela no 14º andar de um edifício, supostamente pretendendo jogar-se. O incidente começou por volta das 16h45min e durou quase uma hora, atraindo pelo menos 10 mil curiosos, que pararam no Paço municipal. O resgate envolveu soldados do Corpo de Bombeiros de Busca e Resgate (CBBR), do 9º BPM e do Batalhão de Operações Especiais (BOE) e fez com que o trânsito fosse interditado. Dentro da sala onde o jovem estava, momentos de tensão e nervosismo eram vividos por duas psicólogas, uma médica e um policial militar à paisana, que tentavam dissuadir o jovem de

* Mestre em teologia com pesquisa sobre protestantismo e Missão. Doutorando no IEPG-EST com pesquisa no campo das Ciências da Religião sobre protestantismo e imaginário religioso brasileiro. Pesquisador do NEPP – Núcleo de estudos e pesquisa do protestantismo e do NPG – Núcleo de estudos e pesquisa de gênero.

saltar. No solo, a multidão acompanhava a ação, enquanto vendedores ambulantes aproveitavam a aglomeração para oferecer bebidas e alimentos.

Às 17h40min, o policial militar que estava na sala agarrou o jovem pelo braço no mesmo instante que um bombeiro, posicionado no parapeito acima da janela onde estava o estudante, desceu por uma corda e jogou-se sobre o rapaz para dentro da sala. A rápida ação foi aplaudida pelos populares. Na saída do prédio, enquanto era conduzido à força para uma ambulância, o rapaz foi alvo de xingamentos generalizados.”

Jornal Correio do Povo (Porto Alegre, RS), 17 de setembro de 2003, Polícia, p. 14.

O sistema girardiano

René Girard constrói um sistema antropológico-fenomenológico para explicar a origem da cultura e a estrutura de violência nas sociedades. Sua tese é que a articulação dos diversos fenômenos sociais opera através da íntima relação do sagrado com a violência. O sagrado é a ferramenta reguladora da qual as sociedades lançam mão diante da ameaça de violência generalizada. Este processo é a própria fundação da cultura. O âmbito do sagrado está pleno de violência, e a violência é sempre sacralizada.

No cerne de sua tese está o processo de passagem da indiferenciação para a diferenciação social, instituinte da cultura. A indiferenciação gera a rivalidade generalizada, que ameaça o grupo social. Diante da ameaça, o grupo cria mecanismos coletivos de diferenciação. A primeira solução diante da crise é o sacrifício vitimizador, que polariza em uma única vítima a violência que envolve todas as rivalidades conflitantes que ameaçam o grupo. Ela será sacrificada em nome do grupo. Esta *vítima fundadora* ou *bode expiatório* é o cerne da diferenciação primeira das sociedades: a comunidade de um lado; a vítima do outro.

Tendo experimentado os benefícios da violência fundadora como solução para a crise que viveu, a sociedade busca meios para perpetuar esta estabilidade, passando a ritualizar freqüentemente o sacrifício. A vítima que cataliza todo o mal do grupo passa a ser fonte de todo o bem e toda a paz na comunidade. Este processo de transcendentalização da violência vitimizadora é a gênese do sagrado.

Baseado em Mitologia e Literatura comparadas, Girard reivindica que este sistema é universal, regulando todas as sociedades. No livro *A violência e o sagrado*, ele analisa amplo material fenomenológico, desde peças literárias e mitos gregos clássicos, europeus, americanos e africanos até obras teóricas modernas. Dedicando amplo espaço para os estudos de Freud sobre o *complexo de Édipo* e *Totem e Tabu*, e a Levi Strauss e seus estudos sobre parentesco. Em todos os mitos e peças literárias, Girard encontra evidências da estrutura vitimizadora, confirmando a universalidade de sua tese.

A base do sistema: o desejo mimético

Girard trabalha com a hipótese da *triangularidade do desejo*: na convencional relação dual sujeito-objeto, ele insere um mediador; toda relação é mediada por um *Outro*. Este outro é o nascedouro do desejo. O sujeito deseja o objeto de um outro sujeito, e não o objeto em si. *Sujeito A* deseja *objeto X* porque *sujeito B* deseja *objeto X*. Esta dinâmica ele denomina *mimêsis de apropriação*, imitação de apropriação. A relação dos sujeitos estabelece a *rivalidade mimética*. Os dois sujeitos se tornam rivais devido ao mimetismo do desejo, à disputa do mesmo objeto, enraizada não no objeto, mas na imitação do desejo do outro. Este duplo desejo nunca é simplesmente acidental, mas sempre patrocinado pelo desejo do outro. É o desejo do outro que valoriza o objeto.

A violência se alicerça no caráter mimético do desejo. Sujeitos *A* e *B* estabelecem uma relação de *discípulo e modelo*. Essa relação é sempre assimétrica: *A*

quer imitar B, mas diante da impossibilidade de realizá-lo, passa a vê-lo como um rival. Por outro lado, quando B se vê imitado, reage, e vê A como um rival. Girard denomina essa assimetria de *double bind*, a imitação ao mesmo tempo sugerida e interdita.

No desenrolar do processo, essa rivalidade se torna tão acentuada que a violência vai se incorporando no núcleo do próprio desejo. Logo a violência parece ser o próprio objeto do desejo, e o *sujeito A* quer dominar o objeto por meio da violência contra o *sujeito B*. O conjunto desse processo Girard denomina *crise mimética*: os dois sujeitos não desejam o objeto, mas o desejo do outro. A esta altura o objeto praticamente desapareceu por trás do desejo recíproco. Ou melhor: objeto, sujeito e desejo são uma coisa só; estão indiferenciados. Esta *indiferenciação* é a gênese da violência; sua mola propulsora. A estrutura do desejo é a estrutura da violência.

A solução para a violência: o sacrifício do bode expiatório

A cultura se funda nos processos de diferenciação. É ela que racionaliza a sociedade. A *crise mimética*, a *indiferenciação*, é uma ameaça à sociedade. Na *indiferenciação*, há o risco de violência generalizada, sem responsáveis identificáveis. Isso pode levar à autodestruição do grupo.

É aí que surgem as soluções sociais pacificadoras, condensadas na figura do *bode expiatório*. Ela não vem para acabar com a estrutura do desejo mimético, que é imutável e universal, mas para regulamentar ou racionalizar a violência. Trata-se de um processo de transferência da violência generalizada para uma vítima expiatória. A ameaça coletiva é condensada numa só vítima; do ameaçador “*um contra o outro*” passa-se para pacificador “*todos contra um*”. A violência que ameaça a comunidade é transferida para uma vítima designada unanimemente: o bode expiatório.

Girard encontra esta mesma estrutura em todos os mitos e relatos literários estudados – Édipo, Caim e Abel, Paixão de Cristo, por exemplo. Todos relatam o ponto culminante do estado de crise mimética do grupo social, plastificado na violência generalizada ou nas catástrofes e epidemias, situações que põe em risco a sobrevivência do grupo. Em todos os mitos, Girard descobre a figura arquetípica do linchamento coletivo, ou bode expiatório. E ele vai além: todos os mitos, indistintamente, por mais simples e aparentemente inocentes que sejam, têm a mesma função social: passar da indiferenciação para a diferenciação e regular o fenômeno da violência, sempre através do processo *bode expiatório*.

Todos os sacrifícios dramatizados ritualisticamente operam nesta estrutura do *bode expiatório*. Todos os mitos manifestam esta mesma estrutura: *crise mimética – homicídio fundador – (re)constituição dos sistemas de diferenciação*. Na verdade, todos os mitos narram processos de crise sacrificial e processos vitimizadores bem sucedidos. Vale a ressalva de que todos os mitos narram a história do ponto de vista dos perseguidores, e não das vítimas

Por isso a violência sacrificial e os mitos que a relatam não são violentos em si, mas estão sempre orientados para a paz. A violência sacrificial é apaziguadora, reconciliadora, terminal, decisiva. O sacrifício tem sua eficácia enquanto processo preventivo, coibindo uma violência recíproca desenfreada na comunidade. Para que cumpra seu papel enquanto última palavra da violência, o sacrifício precisa de uma vítima que não possa reagir. A vítima sacrificial não pode devolver a violência; não pode vingar-se. Por isso, a vítima é sempre alguém à margem da sociedade (animal, criança, rei, estrangeiro, escravo, prisioneiro, bruxa, messias, ...). O sacrifício é uma violência sem possibilidade de vingança.

O sacrifício opera sempre uma dupla transferência: a) a violência acumulada na sociedade é transferida para o ódio homicida contra a vítima, e assim o grupo camufla, dissimula sua própria violência, e designa a vítima como uma causa da crise. Esse processo é temporário, e sempre renovável ritualisticamente; b) estando

toda a violência social concentrada na vítima, agora ela sobrevive na memória coletiva como fonte de paz, sendo transferido para ela um espectro de transcendência.

Violência e sagrado

A palavra *sacri-fício* significa *fazer sagrado*. O sacrifício é um mecanismo social produtor de sagrado. Uma morte produz a vida! Um ser de fora é o culpado das mazelas do grupo e, ao mesmo tempo, será a fonte de salvação depois de sacrificado.

A violência do sacrifício não apenas produz o sagrado, mas também sacraliza a violência. Expulsa da sociedade por causa de seus efeitos maléficos, a violência fundadora é ao mesmo tempo venerada pela sua virtude benéfica. A vítima transita numa esfera ambígua entre o bem e o mal. Ela nasce da indiferenciação e produz a diferenciação; funda a cultura. Ela tem poder maléfico por condensar a maldade social enquanto bode expiatório, mas tem poder redentor ao libertar os perseguidores de suas recriminações recíprocas e, ao mesmo tempo, trazer benefícios sociais¹.

O cristianismo e o Deus das vítimas²

Ao ler os mitos judaico-cristãos na Bíblia, Girardi diz que a paz obtida por meio da violência vitimizadora é ilusória. Desde os primeiros relatos do 1º Testamento até a história de Jesus Cristo, instaura-se na Bíblia um processo

¹ Há que se discutir em que medida o sistema judicial moderno ocupa o lugar da estrutura sacrificial arcaica. Certamente a execução legal, seja com condenação à morte ou penas de encarceramento, pode ser vista como a ritualização de uma violência social. Em certa medida, o sistema judicial mantém todos os elementos do sacrifício: inibe o círculo vicioso da violência; não permite vingança; é a última palavra; conserva o elemento transcendente/teológico, com a verdade inquestionável da justiça; não acaba com a crise mimética, mas exorciza o perigo da rivalidade generalizada; os condenados são bodes expiatórios. A questão a averiguar é se os conceitos modernos de justiça e culpa individual não significam um retrocesso em relação aos conceitos coletivos de vingança e responsabilidade. E ainda: em que medida, *vingança* e *justiça* são realmente coisas distintas? De qualquer forma, a idéia de perdão está completamente afastada também nesse sistema. A regra é o sacrifício do culpado.

² Girard não escreve sobre isso em *A violência e o sagrado*. Deste ponto em diante a referência é a outras obras do autor, colhidas em Alfredo TEIXEIRA, *op. Cit.*

diferenciado: ao invés da figura do bode expiatório para coibir a vingança e a rivalidade generalizada, a bíblia propõe o perdão e a dignidade da vítima.

A história de Caim e Abel revela o perigo de uma sociedade fundada na violência: na primeira parte o mito apresenta resquícios do sistema da violência fundadora – Abel precisa morrer para ser fundada a cultura, um povo. O gesto homicida de Caim é apresentado como consequência de uma crise mimética, no qual a inveja ocupa o lugar do desejo. Caim é o culpado; aquele que precisa morrer ou ser castigado ou vingado. Na segunda parte, no entanto, se dá a crítica ao sistema vitimizador – o Caim culpado, o bode expiatório, não vai morrer. Javé colocou um sinal sobre Caim. Ninguém pode vingar Abel. Aí cria-se um sistema diferenciado de regulamentação da rivalidade mimética, inaugurando-se, ao mesmo tempo, um processo de reabilitação da vítima e o apelo por um juízo ético. Javé apresenta-se como o Deus das vítimas. Surpreendentemente, no entanto, Caim não é absolvido ou perdoado, mas condenado. A frase de Javé “Onde está teu irmão, Abel”, implica na responsabilização do assassino, mas não no seu sacrifício.

A história do apedrejamento da mulher adúltera (Jo 8) tem toda a estrutura da crise mimética: o grupo está em crise, afetado por uma epidemia; a solução vitimizadora propõe uma vítima; a vítima é marginal; ela é desfigurada; o perigo do contágio que leva à violência de todos contra a vítima já desumanizada; ambivalência divino-demoníaco no sacrifício da mulher; a distância da vítima no ato de apedrejar/sacrificar; o lugar marginal onde ocorre; a unanimidade do grupo. Acontece que, frente à condenação da vítima à violência, Jesus propõe o perdão. Só o perdão pode terminar a violência sem mediação da violência.

O evangelho é o exemplo maior de des-ocultação da estrutura vitimizadora. Jesus é o Deus sem intermediários sacrificiais. Não são mais necessários sacrifícios ou bodes expiatórios para conseguir a paz. É desta forma que Jesus precisa ser entendido enquanto revelação de Deus: uma proposta de reconciliação/apaziguamento sem mediação sacrificial. O cerne da mensagem de

Jesus é a reconciliação dos irmãos inimigos e destes com Deus. Ele quer pôr fim à crise mimética sem lançar mão da violência. Sua grande missão é desvelar a estrutura sacrificial da sociedade fundada na violência. Jesus mostra que o mal começa na esfera do desejo (Mt 5.27ss); dirige-se contra o princípio mimético (olho por olho – Mt 5.38) e convida seus seguidores a renunciarem a violência (Mt 5.39ss). Jesus não acaba com a estrutura mimética, mas propõe ferramentas para sair do círculo vicioso da violência, através do perdão, desmitologizando os elementos da engrenagem vitimizadora. João Batista e Jesus seriam o protótipo do novo par mimético, sem rivalidade, sem inveja.

A paixão de Jesus revela a mesma estrutura da história de Caim e Abel, com todas as características da crise mimética: uma grande crise transforma Jesus numa vítima expiatória – não se fala em bode, mas em cordeiro; a designação/seleção cuidadosa da vítima (*Jesus ou Barrabás?*); a unanimidade da multidão; a marginalidade da vítima; o sacrifício no fim de uma festa; vítima transgressora (*come com publicanos*); a ambivalência da vítima (honrado com palmeiras e coroado com espinhos); a exibição pública da vítima; a violência coletiva contra ela; a unanimidade fundadora. Mas também aí há algo diferente: a vítima é declarada inocente, em contraste com a unanimidade sacrificial. Jesus recusa as acusações estereotipadas em frases como: “odiaram-se sem motivo” (Sl 35.19 citado em Jo 15.25); a pedra rejeitada é a pedra angular (Lc 20.17 no Sl 118.22); ou “Pai, perdoa-os. Eles não sabem o que fazem.”

O apedrejamento de Estevão em Atos 7.51-60 tem os mesmos elementos: ele implora para que Deus não leve em conta o pecado de seus algozes. Não há mais vingança de Deus. Estevão, assim como Jesus, coloca em evidência a violência fundadora da cultura que o sacrifica.

Assim, o valor das narrativas bíblicas não está em acabar com a universalidade do mecanismo fundador da violência, que, segundo Girardi, é incontestavelmente onipresente, mas contribuir para um saber alternativo à violência

fundadora da cultura. O grande valor de Jesus seria revelar aos seres humanos a violência que os habita. Sua morte na cruz seria a des-ocultação da matriz de violência. Sua morte, aliás, é conseqüência dessa revelação e demonstração plástica dela. Se, por um lado, os responsáveis pela morte de Jesus perpetuam o mecanismo vitimizador achando que a vítima trará paz ao reino, por outro, Deus contraria a lógica e não se vinga; não expulsa mais ninguém do paraíso, mas ele mesmo é vitimado; expulso pelo ser humano. Por isso Jesus é o *novo Adão*, onde não cabe lugar para a rivalidade mimética. O Sermão da Montanha é o centro dessa nova mensagem. Por isso, a cruz jamais pode ser obra de Deus; ela não é parte de uma engrenagem vitimizadora. Ela é a revelação da única possibilidade de superação de violência, renúncia a ela.

Os limites do cristianismo

O cristianismo realmente consegue acabar com a estrutura de violência que funda a cultura? Certamente não. Ele é e foi, inclusive, grande promotor da estrutura de violência. Certamente há que considerar os limites do cristianismo enquanto gênese. Os processos históricos têm um peso tão grande na violência social e religiosa promovida pelo cristianismo quanto a mensagem de paz de sua fundação. O mito de origem não é capaz, por si só, de instaurar uma nova ordem.

Não obstante, a tradição judaico-cristã instaura uma nova dimensão no relacionamento humano, inserindo o imperativo ético no lugar da vingança. Deus é o deus das vítimas. A Bíblia toda pode ser lida como o relato das vítimas. No lugar da culpa da vítima, fala-se em perdão.

Três conseqüências práticas desse imperativo ético: a) o cuidado das vítimas, certamente uma das maiores contribuições bíblicas para o mundo. A vítima é hoje o derradeiro absoluto das sociedades (vítima de guerra, de aborto, de fome; o estrangeiro, as crianças pobres, etc.); b) a supervalorização do ser humano,

independentemente de sua posição cultural; c) a auto-responsabilização individual pela violência, sem recorrer a disfarces como demônios, possessões, monstros ou bodes expiatórios.

Ao contrário do que se poderia supor, portanto, a estrutura vitimizadora está tão viva como sempre esteve. O sacrifício não é coisa do passado; das religiões primitivas. Logicamente, quase não há mais sangue nos templos e nos altares, mas não há como negar a massificação leiga do sacrifício, que gera milhões de vítimas inocentes. As vítimas de hoje têm todas as características das vítimas dos sacrifícios ancestrais.

Conclusão: esquema do sistema girardiano

1ª fase: CRISE MIMÉTICA

Triangularidade do desejo: sujeito A deseja objeto X, porque X é desejado por sujeito B.

Mimêsis de apropriação: imitação do desejo do outro.

Double bind: discípulo e modelo vivem situação de incentivo e interdito à imitação.

Rivalidade mimética: não devido ao desejo pelo mesmo objeto, mas imitação do desejo do outro.

Indiferenciação objeto e sujeito: decalque do objeto.

Crise mimética: desejo, objeto e violência se confundem. O núcleo do desejo não é mais o objeto, mas a violência contra o outro.

Violência generalizada: crise social/epidemia.

Risco de autodestruição: a diferenciação básica objeto-sujeito que funda a civilização está ameaçada.

2ª fase: SACRIFÍCIO APAZIGUADOR

Sacrifício vitimizador: para apaziguar a crise; para prevenir a violência generalizada.

Do “Todos contra todos (indiferenciação)” para “todos contra um” (diferenciação).

Seleção do Bode expiatório ou linchamento coletivo.

Características da vítima: unanimidade, marginalidade, não vingativa, transgressora, ambigüidade demoníaca-sagrada.

Dupla transferência: da violência grupal para a violência contra uma vítima; vítima diabólica para vítima fonte de paz.

3ª fase: (RE)CONSTITUIÇÃO DOS SISTEMAS DE DIFERENCIAÇÃO

A repetição ritual do sacrifício garante a estabilidade da sociedade.

Sacralização da violência: *Sacri-fício* = fazer/instituir o sagrado.

Transcendentalização da violência: a salvação vem de fora, e é ela, a violência, que agencia sua irrupção.